

# Linguagens em disputa: entre normas, fronteiras e discursos de poder

---

A linguagem é um território em constante disputa. Das regras sintáticas à resistência das línguas indígenas, da regulação editorial às novas dinâmicas do digital, as palavras carregam poder, identidade e história. Neste volume 21, número 2, da *Revista do GEL*, edição de 2024, reunimos doze trabalhos que exploram essas tensões sob diferentes prismas, investigando como a linguagem se transforma e se reinventa em diversos cenários — do cárcere à mídia, das fronteiras ao mercado editorial, da tradição clássica às redes sociais. Cada artigo oferece um olhar singular sobre as forças que moldam e desafiam a comunicação, reafirmando o compromisso da revista com a diversidade de perspectivas e com o diálogo crítico sobre os caminhos da pesquisa linguística. A variedade temática presente neste volume reflete essa multiplicidade de abordagens.

Em “Contra a ordem: a irrelevância da ordem frasal para uma Sintaxe ontogênica”, Clóvis Luiz Alonso Júnior questiona a ideia de que a ordem das palavras na frase seja fundamental para a sintaxe, sugerindo que ela se constitua mais pelo discurso do que por regras fixas. O autor propõe que a Língua surgiu a partir de nossa percepção do espaço e dos movimentos no mundo, e não de uma estrutura predeterminada. Assim, a frase seria não uma unidade essencial da linguagem, mas um fenômeno posterior, moldado por necessidades comunicativas. A argumentação passa por reflexões sobre metáforas, gestos e até pela forma como organizamos nossas expressões no tempo e no espaço. Revisando teorias clássicas e teorias contemporâneas, o autor mostra que a estrutura das frases varia historicamente e que sua ordem responde mais a escolhas discursivas do que a regras sintáticas, sobretudo em se considerando “uma Sintaxe ontogênica”.

No texto “O dizer de sujeitos-leitores presos nas algemas de mecanismos de normalização”, Sandro Braga e Rossaly Beatriz Chioquetta Lorensen investigam como o ato de ler — realizado em situação de encarceramento — funciona

como mecanismo de remição de pena e ferramenta de normalização. Com base na Análise do Discurso e em entrevistas com detentos do Presídio de Xanxerê/SC, mostram que a leitura é vista como transformadora, mas também reforça a disciplina e o controle institucionais. Os autores, em diálogo com Foucault, argumentam que a prática molda comportamentos esperados, promovendo docilidade e conformismo. O estudo questiona se a leitura emancipa ou apenas reproduz estruturas de poder, concluindo que, mesmo abrindo perspectivas, opera como instrumento de regulação dos sujeitos.

Por sua vez, no artigo “Alternantes minoritárias no plural de nomes terminados em <ão> no português brasileiro: contextos favorecedores”, Pedro Eugênio Gaggiola e Luiz Carlos Schwindt investigam a flexão do plural de nomes terminados em -ão no português brasileiro, analisando a escolha entre -ões, -ãos e -ães. A pesquisa, baseada em um experimento com pseudopalavras, revela que monossílabos, paroxítonos e palavras com sufixo gentílico favorecem as formas irregulares (-ãos/-ães). Os resultados sugerem que esses padrões refletem tanto restrições fonológicas quanto a influência do léxico. A predominância de -ões não se aplica a todas as formações, indicando que o plural se guia por fatores estruturais e frequência de uso. O estudo desafia explicações exclusivamente morfológicas ou fonológicas, mostrando que a variação é sistemática e previsível.

Mudada a perspectiva para os estudos clássicos, Luciana Mourão Maio e Paulo Martins, em “Mimese e écfrase no De Signis de Cícero”, analisam a écfrase do simulacro da deusa Diana em *De Signis*, de Cícero, ressaltando seu papel argumentativo na acusação contra Verres. Baseado nos conceitos de mimese e enargia, o estudo mostra como a descrição vívida da estátua cria uma imagem mental no público, aumentando o impacto retórico. Cícero personifica a peça roubada, associando-a à própria deusa e enfatizando, então, sua relevância sociocultural. A écfrase confere vividez à narrativa e reforça a acusação de *sacrilegium*, elevando a gravidade do crime. O discurso mobiliza valores romanos, como *fides* e *pietas*, para contrastar Verres com o ideal de um cidadão virtuoso. O artigo demonstra que a écfrase vai além da ornamentação retórica, funcionando como recurso estratégico para persuadir e comover a audiência.

Janice Gonçalves Temoteo Marques, Antonielle Cantarelli Martins e Fernanda de Oliveira Guirelli, no artigo “Observações sobre as transformações lexicais na Libras em decorrência dos avanços tecnológicos”, analisam as transformações lexicais na Língua Brasileira de Sinais (Libras) diante dos avanços tecnológicos, focando-se nos processos de lexicalização e deslexicalização. Foram considerados 13 mil sinais do *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil*, selecionando-se oitenta

termos da categoria “Tecnologia e Comunicação”. Quatro surdos avaliaram esses sinais, identificando quais ainda são usados, quais simplesmente caíram em desuso e quais foram substituídos. Os resultados mostram que 15% dos sinais se referem a tecnologias obsoletas, enquanto 2,5% (como *Inteligência Artificial* e *Bluetooth*) foram reconhecidos como novos. O estudo revela que a Libras, assim como as línguas orais, se adapta constantemente às mudanças sociotecnológicas, refletindo a evolução cultural e comunicativa da comunidade surda.

A análise do discurso apoiada em autores de formação marxista está aqui representada por “Entre a Lei e o Dogma: posições-sujeito do Papa Francisco sobre a homossexualidade”, de Daniel Santos Oliveira e Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante. Esse estudo analisa as declarações do Papa Francisco sobre a homossexualidade, proferidas em janeiro de 2023. A pesquisa examina como essas falas reproduzem, mas também deslocam sentidos no discurso religioso católico, considerando-se as condições de produção e os efeitos ideológicos. O *corpus*, extraído do portal G1, mostra que o Papa critica a criminalização da homossexualidade, mas sem romper com a doutrina da Igreja. Sua posição equilibra um discurso de acolhimento e misericórdia com a manutenção dos dogmas institucionais. O artigo explora as contradições discursivas e o modo como a ideologia molda as declarações. Além disso, situa aquelas falas no contexto político internacional, marcado por disputas entre forças progressistas e forças conservadoras.

Na sequência, em “Análise de Jogos de Linguagem (AJL): uma técnica para analisar materiais audiovisuais no estudo ecocognitivo da linguagem em uso”, Marcos Victor Pires Rodrigues e Paulo Henrique Duque apresentam a Análise de Jogos de Linguagem (AJL), uma técnica desenvolvida para estudar interações linguísticas registradas em materiais audiovisuais. Inserida na abordagem ecocognitiva da linguagem, a AJL busca compreender como sentidos emergem em situações concretas, considerando-se elementos verbais e elementos não verbais. Baseada nos conceitos de Wittgenstein e nos de Steels, a técnica descreve interações em jogos de linguagem, pormenorizando cenários, participantes, gestos e pistas verbais. O estudo exemplifica sua aplicação mediante um caso real, demonstrando como a AJL permite uma análise precisa do comportamento linguístico em vídeos. Conclui-se que a técnica oferece um método adequado para pesquisas que envolvem linguagem em uso, superando limitações de abordagens tradicionais focadas apenas no discurso verbal.

Em relação à análise do discurso propriamente materialista, segundo Pêcheux e Orlandi, temos o artigo “Estou tentando sobreviver: constituição do imaginário

sobre *gays afegãos* pela mídia jornalística no Brasil”. Nesse texto, Carlos Eduardo de Paula Santos, Maráisa Lopes e José Ribamar Lopes Batista Júnior analisam como a mídia jornalística no Brasil constrói o imaginário sobre os homens *gays afegãos* após a retomada do Talibã, em 2021. A pesquisa investiga três reportagens que versam sobre a condição de vida desses indivíduos em contexto de repressão e silenciamento. Os resultados revelam que, embora invisibilizados, esses sujeitos resistem em práticas culturais ocultas, navegando entre discursos que os marginalizam e discursos que os definem. O estudo também realça como a linguagem e as escolhas editoriais da mídia brasileira influenciam a percepção desse grupo, evidenciando disputas ideológicas e diferentes formações discursivas.

Também os estudos sobre o discurso digital estão presentes neste volume, com o artigo “A *hashtag* no ensino de Língua Estrangeira: um questionamento às ciências da linguagem pelo digital”, de Mariana Morales da Silva. Nesse trabalho, a autora investiga o papel das *hashtags* no ensino de língua estrangeira, especialmente no ensino de espanhol como língua estrangeira (ELE), à luz das transformações discursivas promovidas pela *Web 2.0* e intensificadas pela pandemia de COVID-19. Com base nos conceitos de tecnodiscursos, de Paveau, e comunidades discursivas, de Charaudeau e Maingueneau, a pesquisa analisa *hashtags* usadas em manifestações sociais em Barcelona em 2020. O estudo ressalta como essas estruturas digitais não apenas mobilizam discursos políticos, mas também desafiam teorias tradicionais da Linguística. Além disso, propõe o uso das *hashtags* como recurso didático inovador para o ensino de língua estrangeira, favorecendo uma abordagem contextualizada, crítica e interativa.

No penúltimo artigo, “Línguas ameaçadas: uma reflexão sobre o adormecimento e a retomada de línguas indígenas no Brasil”, Diego Barbosa da Silva discute o adormecimento e a retomada das línguas indígenas no Brasil, realçando como essas línguas têm sido historicamente ameaçadas desde a colonização. O pesquisador analisa modelos de vitalidade linguística que buscam medir o risco de desaparecimento das línguas, mas argumenta que esses modelos ainda refletem uma visão colonialista ao ignorar os significados atribuídos pelos próprios falantes indígenas. O estudo critica a exclusão dos indígenas nos processos de avaliação e de planejamento linguístico, propondo que a retomada dessas línguas deve ser não apenas um esforço técnico, mas um processo de resistência cultural. Além disso, a pesquisa aponta que as línguas não são meramente extintas, mas podem ser reativadas em registros históricos, na memória coletiva e em práticas culturais. Assim, o artigo enfatiza a necessidade de políticas linguísticas que respeitem as perspectivas indígenas e promovam a revitalização das línguas como parte da luta por direitos e identidade.

No término da sequência de artigos, há “Mercado editorial e a literatura escrita em portunhol”, de Jorgelina Tallei e Karla Vidal. Nesse estudo, as autoras analisam como o mercado editorial brasileiro lida com obras literárias escritas em portunhol, questionando as normas e os guias de estilo adotados pelas editoras. A pesquisa investiga como esses instrumentos regulam a publicação de textos que desafiam a norma-padrão, especialmente em contextos de fronteira linguística. A partir de uma perspectiva glotopolítica, o estudo argumenta que as grandes editoras tendem a rejeitar essas obras, enquanto editoras independentes e “cartoneras” emergem como espaços de resistência. Além disso, a análise demonstra que a normalização editorial atua como filtro ideológico, limitando a circulação de produções que refletem a diversidade linguística. O artigo enfatiza, ainda, a relevância do portunhol na literatura, tanto como expressão cultural quanto como desafio às políticas de padronização da língua.

Além desses artigos, o volume inclui uma resenha, elaborada por Marcus Dorés: “*Um novo olhar sobre a Carta de Caminha por meio de duas propostas de edição*”, a partir do livro *A Carta de Pero Vaz de Caminha: edição modernizada e semidiplomática*, de Marcelo Módolo e Maria de Fátima Nunes Madeira.

Neste volume, trazemos, então, onze artigos e uma resenha, organizados em ordem alfabética pelo sobrenome dos autores, com a resenha posicionada ao final. Cada um desses trabalhos representa um olhar distinto sobre a linguagem, afeiçoando-se às linhas de pesquisa que têm marcado a trajetória da *Revista do GEL* ao longo de seus vinte e um volumes. Esses textos não apenas reafirmam nosso compromisso com a diversidade e a qualidade acadêmica, mas também lançam sementes para novas investigações, oferecendo um terreno fértil para ideias inovadoras e transformadoras.

Agradeço à Letraria, a seus incansáveis colaboradores e, em especial, a Milton Bortoleto — nosso auxiliar editorial sempre presente —, bem como aos autores e aos pareceristas, cuja dedicação inestimável faz deste projeto uma realidade.

Desejo uma leitura produtiva a todos!

**Marcelo Módolo**<sup>1</sup>, Editor da *Revista do GEL*.

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil;  
modolo@usp.br; <https://orcid.org/0000-0001-5808-9368>